

RASGA-MORTALHA



Gilvandro Mendes Monteiro

Coleção Contos Amazônidas – 1

Ilustrações
Joca Monteiro

Autoria
Gilvandro Mendes Monteiro

Edição e diagramação
Gilvandro Mendes Monteiro

Revisão
Gilvandro Mendes Monteiro

Coleção Contos Amazônidas
Número 1 – Rasga-Mortalha

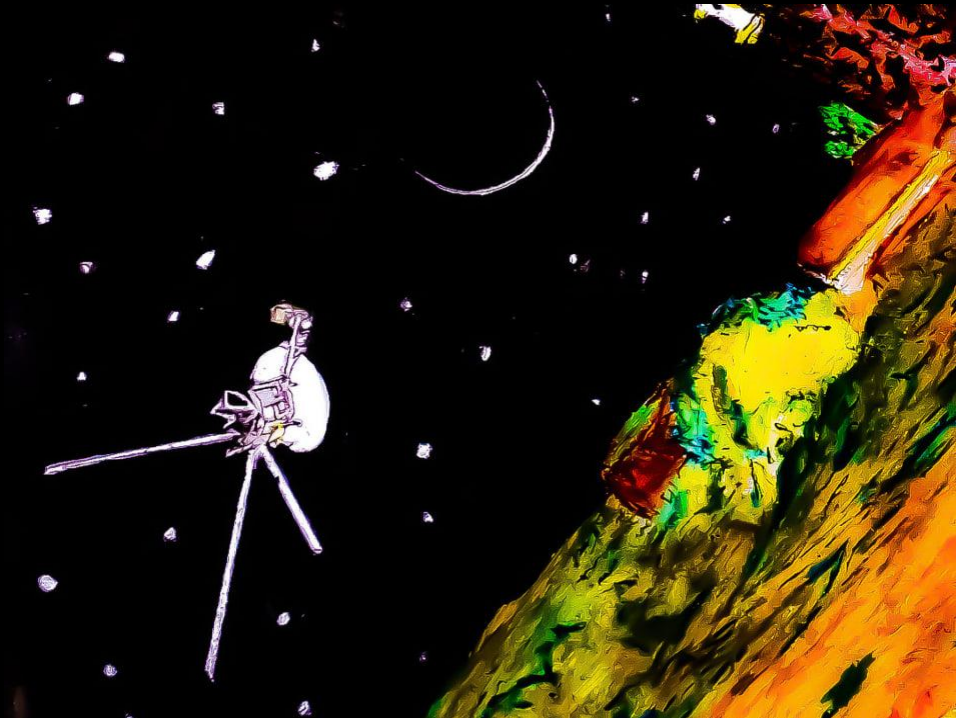
Contato: gilvandro.monteiro@alumni.usp.br

Macapá
Novembro
2020

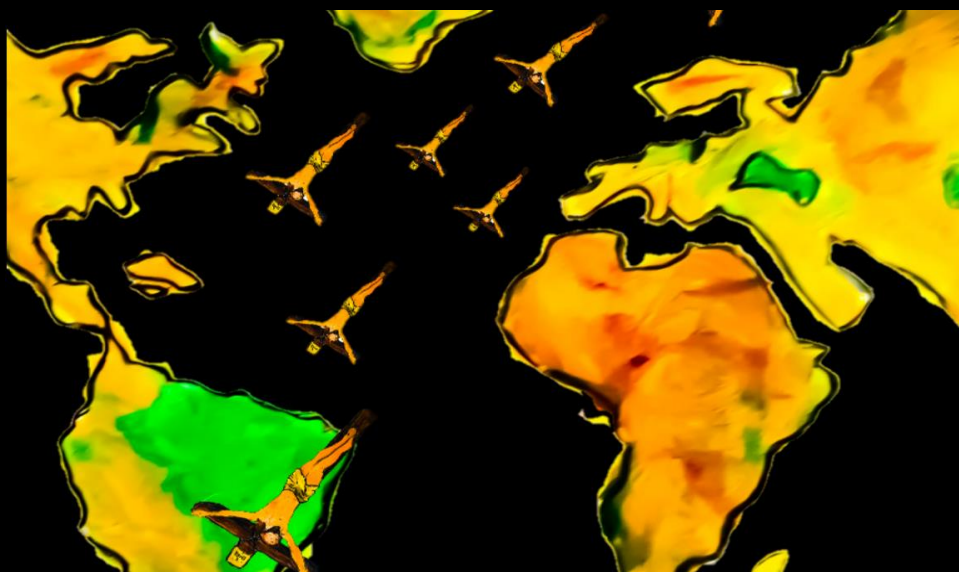
É permitida a reprodução integral ou parcial desta obra, desde que citada a autoria, para fins educacionais, literários e libertários.

Da matança, somente Kamali sobreviveu.

Na mesma noite em que Yara Luna se deslumbrava com a reportagem sobre a saga da *Voyager 1*, que então rompia os limites do sistema Solar em direção ao sistema Alfa Centauro, o massacre acontecia. Nas estrelas, vagava a mão humana; no barro, enterrada a cabeça; o coração afogado em fogo oco. Apenas começava a segunda década do terceiro milênio da era cristã. O palco do espetáculo plasmático é a única capital brasileira onde o Equador rasga as águas do imponente Amazonas: terra ignota, onde a fé tem calibre de verdade letal.



Da origem do medo, o que se sabe é que atravessou o Atlântico e os séculos e embrenhou-se no fantasiário dos povos de cá. Saqueadores honrados desembarcaram de gigantescas canoas, e nos brindaram novidades inesquecíveis: pólvora, atchins e cof-cofs, restos de latim, pelourinho... e folhas encardidas cheias de pontinhos pretos, a que chamavam escrituras e acreditavam comprovar sua providencial predestinação civilizatória às terras e às pessoas de cá. A ordem e o progresso aportavam, enfim, em nossa terra encantada, de onde a primitiva acumulação viria a haurir todo seu esplendor, laureando-nos rubras ruínas de veias abertas. Trouxeram também, enlaçando dois velhos pedaços de madeira cruzados, reminiscências de delírios paleolíticos.



Em seu passeio panorâmico na vida, Kamali caiu, tragada por vendavais beatíficos, numa atmosfera miasmática perambulada por ideias cálidas de olhos fechados. Nossa heroína sobreviveu ao vendaval, sem, contudo, se desvencilhar do insuportável cheiro da memória, espocando-lhe os tímpanos o eco dos gritos da família assassinada.

Reza o credo, que uma ave batizada de Rasga-Mortalha tem o dom de pressagiar a morte. Em noites sem Lua, com um grasno semelhante a um grito rouco ou ronco de rede rasgando, lançado sobre habitações onde há pessoas enfermas, a dita ave anuncia o óbito da moribunda.

Cabral costumava se gabar diante dos vizinhos:

— Mas eu sou parente dos dois grandes Cabrais que a nossa pátria pariu!, fechava o punho esquerdo com o pulso virado pra cima e aplicava-lhe três tapas estralados com a mão direita bem aberta, bravejando:

— Aqui nessas veias não tem só açaí não, meu chegado, tem um compromisso com a nação, porque o Brasil está acima de tudo e Deus está acima de todos!

Adornava o gesto patriótico um olhar crente para o horizonte, que mirava a copa das incalculáveis mangueiras, jambeiros e açazeiros bordeando o cintilante azul aéreo, onde marabaixavam grandes folhas verdes respingadas de gotículas solares.

Mãe e pai, antes de partirem terra abaixo, legaram a Cabral uma pequena bandola de madeira bruta e envelhecida. Teias de poeira e de aranha, qual algodão sujo, ramificavam-se nas telhas onduladas de fibrocimento e desciam nas grisalhas paredes comidas por cupim; manchas escuras e grossas bordeavam cada tábuia, marca das abundantes chuvas amazônicas. No assoalho, mais estradas de cupim e pedaços de madeira ausentes. Vestígios de catita, pontinhos pretos, amanheciam rente ou sobre o jirau e a mesa. Vez ou outra, pontos pretos maiores, a ratazana ia verificar se estava tudo bem com as crianças. Uma das diversões de Cabral era caçar ratos. A baladeira era sua arma predileta, que ele carregava com bolinhas de chumbo. Mas as novas gerações sempre sobreviviam e, tempos em tempos, voltavam. E os roedores do lodo, assíduos saqueadores de nossos quintais e cozinhas, somam mais uma inesquecível novidade trazida nas grandes canoas. Como apêndice frontal da bandola, uma minúscula batedeira de açaí. A fruta era colhida por ele mesmo do próprio quintal, sua fonte de subsistência. Os genitores de Cabral também lhe deixaram sob a égide das sagradas escrituras, único livro que, de fato, folheou na vida. Foi assim também com seus pais. E com os pais de seus pais. E com os pais dos pais de seus pais. Todo o resto do arcabouço intelectual de Cabral formara-se de oitiva, incluindo-se aí a história dos outros dois Cabrais. Estudou

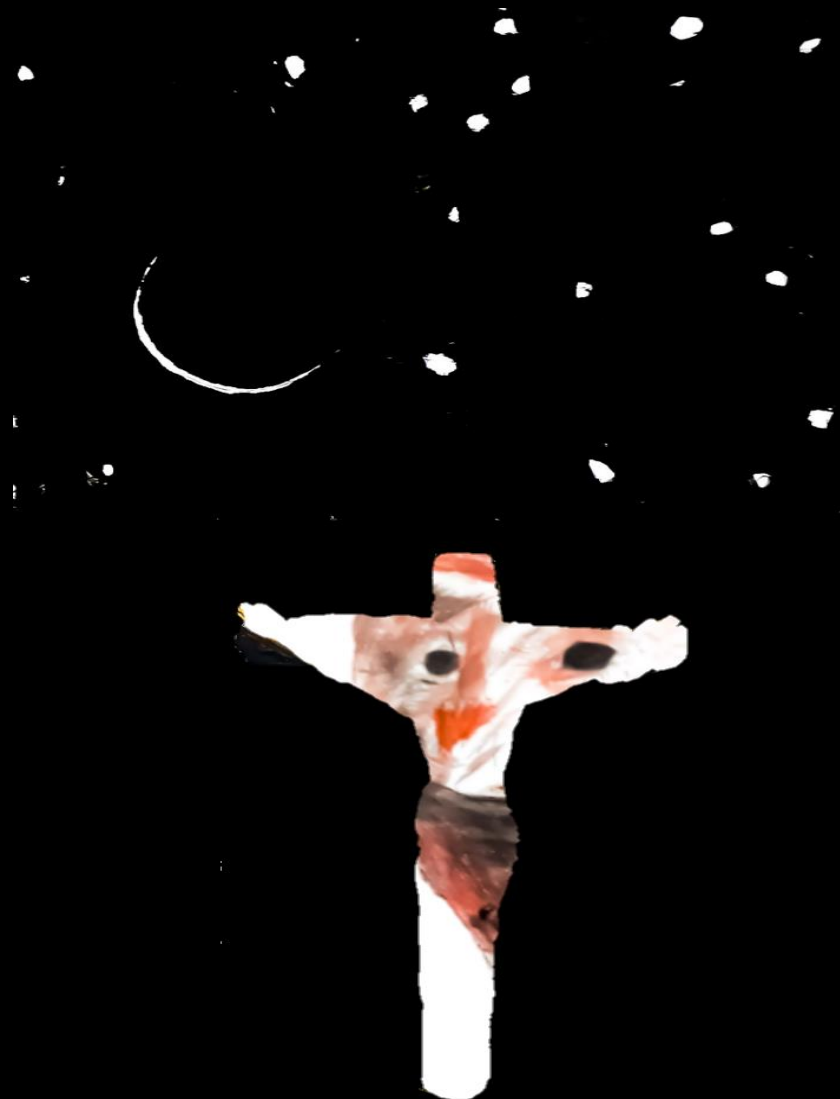
até o ensino médio, contentava-se em ouvir as professoras e escrevia no caderno apenas quando a isso era persuadido, sob argumento de valer ponto. O domingo era dedicado à Igreja Universal São José de Macapá. Era um cidadão de bem, homem de fé e temente a Deus. Não perdia a chance de fazer gaitices de si próprio: “Nome nobre, vida pobre, hehehe!”, dizia, com as maçãs do rosto apimentadas e os olhos espremidos, sacolejando os ombros a meio sorriso. Acreditava de mãos e pés juntos em vida além da vida; se via um gato preto na rua, dava meia-volta; temia histórias de misura como temia envelhecer no mesmo degrau em que nasceu.

Quanto aos outros Cabrais, um, todo brasileiro conhece: “Quem descobriu o Brasil?”, era a medida do nacionalismo mirim dos primeiros anos escolares. O outro, apelidado de Cabralzinho, somente os nascidos aqui conhecem sua história, não menos heroica que a do mais famoso. Para encurtar, basta dizer que é ícone militar do chauvinismo local, exemplo de coragem e defesa da pátria,⁸ por ocasião de uma disputa territorial contra a França, no norte do estado do Amapá, em de maio de 1895. Cabralzinho se safou; mas dezenas de amapaenses, idosos, crianças, mulheres e mulheres com crianças no colo não tiveram a mesma sorte: levaram o farelo. Circula a rádio-peão que Cabralzinho foi, em verdade, grande velocista. Corre largamente a história de que, acuado por soldados

franceses, determinou-se com valentia: ou mato ou morro! Ele estava a tomar a difícil decisão de se varava mato adentro ou se corria morro acima. Herói amapaense, Francisco Xavier da Veiga Cabral foi condecorado com o título de General Honorário do Exército Brasileiro. Virou estátua, praça e bairro. Estátua do Cabralzinho, praça Veiga Cabral. Praça muito aconchegante, lugar de amores e artes, com árvores frondosas e cantorias de passarinhos arco-íris. Há uma estátua, todavia. A mão direita hirta aponta uma pistola para as nuvens, a esquerda segura uma espada fincada no calcanhar, chumbo é a pele e preconiza *a virtude, a renúncia, o sangue frio, a concepção*. O bairro Cabralzinho, afastado do centro, pontes e baixadas da cidade, é lugar de grandes casas de alvenaria com grandes garagens e grandes muros, onde residem pessoas desprovidas de melanina.

— Temos o mesmo sobrenome, quem me dirá que não sou descendente do descobridor do Brasil? Quem?, autoafirmava-se Cabral, com olhos estáticos e testa engilhada, diante do velho espelho herdado do seu tataravô Jacobina. Decidiu dar um basta na pobreza e anonimato. Preparou-se. Fez concurso. Tornou-se soldado da briosa polícia militar do estado do Amapá. Sentindo a honra e a dignidade elevadas, já não anunciava, mas em silêncio íntimo confiava agora estar predestinado a dar sequência às

contribuições dos outros Cabrais à prosperidade do povo brasileiro.



Kamali sobreviveu, menos por habilidade de fuga do que por valentia dos sicários. Ou talvez por força do nome: Espírito-Guia. Olhos não há que não se arregalem ante a exuberância dessa filha de Abya Yala. Kamali, a circunspecta. Desloca-se em silêncio. Os olhos, dois caroços de açaí projetados no além, distinguem formas mesmo no mais escuro breu. Tem o coração no plácido semblante, que estampa uma serenidade apascentadora de vulcões.

Na fuga da morte, Kamali foi parar na Av. Equatorial, onde residia Yara Luna, próximo ao estádio Zerão, único do planeta que tem a linha central na mesma reta do Equador; em uma das laterais, um pedacinho de arquibancada. Gramado presidenciável. Na inauguração, 17 de outubro de 1990, o ex-presidente escorraçado, Fernando Collor, deu o primeiro chute na bola, após um minuto de epifania ao raspar as narinas na enorme risca de cal que corta o campo, limiar planetário entre os hemisférios Sul e Norte. Estudante de biologia da Universidade Federal do Amapá, Yara Luna era também falcoeira. Dedicava-se a visitar as escolas da cidade divulgando às jovens gerações a arte da falcoaria. O ponto alto das apresentações era quando falava da temida Rasga-Mortalha, com um exemplar no punho sobre uma luva grossa, e um apito caído entre os seios, que às vezes ia à boca comandar as demonstrações de rasantes. Foi logo de

manhã cedo que Yara encontrou Kamali, desvivent e ensanguentada, nos fundos do quintal, embaixo de uma mangueira, com um terço entre as unhas. Não demorou a ligar os pontos e deduzir o acontecido. Sentiu culpa por não ter antevisto a tragédia resultante da celeuma. Agradeceu à Matinta, acalmou a sobrevivente, fez os curativos necessários e acolheu-a consigo. Enquanto curava a vítima, Yara pensava na reportagem sobre a *Voyager 1*, que assistira com tanto interesse e esperança na noite anterior: “Ignorância assassina!”, gritava a estudante; e o coração de Yara jorrava lágrimas hemorrágicas que irrompiam pelos poros da pele. Nos olhos, cólera, e em seguida, Jesus Cristo: “Perdoai-vos, eles não sabem o que fazem”.

Uma notícia de morte corria no Zerão. Era um pioneiro morador, homem solitário, quarenta de idade, setenta de rugas, famoso pelas visitas diárias e prolongadas ao Boteco São José, onde amortecia os incômodos oriundos da carvoaria, único ambiente laboral que frequentou. Andava queixoso do coração, sem faltar ao rito etílico diário. Morreu sem dor. Certa noite, ao voltar do bar de sempre, o homem recolheu-se à sua rede e nunca mais acordou. Um boato corria como apêndice da notícia: a vizinhança, especialmente Cabral, que tinha sua casa paralela a do finado, jurava ter escutado na noite anterior à morte o tal ronco rouco rasgante. O céu dormia sem Lua. Celeuma sem precedentes alastrou-se sobre o bairro.

Alguns dias e orações depois, crianças, que costumavam brincar com baladeiras, passarinhos e calangos nas matas do bairro, contaram ter visto no forro da velha igrejinha abandonada um ninho com grandes aves, bem maiores que seus parceirinhos de diversão. Acreditando terem encontrado as aves da morte, embora munidos de baladeiras, hesitaram em atacar. Cabral, agora instruído pelo brioso espírito militar, tão logo ouviu o relato, ergueu-se enérgico, convencido; a vida o convocara à sua prova de fogo; chegara a noite de cruzar o vale da sombra da morte e acertar contas com a discrepância entre nome e existência. Todo o bairro exaltaria seu nome. Entraria para a história como o terceiro grande Cabral, o segundo do seu estado. Estava a algumas plumagens de sua predestinação civilizatória; perpetuaria, enfim, a honra e glória de seus ancestrais.

Acaudilhou uma pequena tropa de sete voluntários, digna tanto do recalque do engenhoso Cavaleiro dos Leões como da capitania de Brancaleone de Nórcia. Chegado o grande dia, pulou da cama eufórico, os olhos resplandeciam e o coração esmurrava-lhe o tórax. Uma semana de espera. Tomou café com pupunha e macaxeira. Foi à igreja. O padre abençoou os revólveres e os terços. Voltou pra casa. Para o almoço, providenciou sete litros de açaí, que comeram com farinha de tapioca, charque frito e camarão. Enquanto a tropa se empanturrava, ouvia atentamente as instruções de

Cabral sobre como proceder para não haver falhas. Uma semana. Cabral considerara e reconsiderara detalhadamente o plano repetidas vezes. Ao final da preleção, entregou a cada combatente um terço e um revólver calibre 38. Combinaram hora e local do encontro: meia-noite, Boteco São José.

Encontraram-se. Fé fermentaram, coragem destilaram, e para a eterna glória partiram.

Caminharam vagorosamente até a velha igreja, munidos, além de revólveres e terços, de escadas e lamparinas.



Massacraram. Tiros, urros, preces... grasnos, sangue, vísceras e plumas pra todo lado.

Com sentimento de dever cumprido, Cabral voltou ao lar, ansioso por ouvir seu nome na boca da vizinhança. Quem sabe uma rua? Ou uma praça? Por que não uma escola? Deitou para descansar, desceu as pálpebras, devaneou a popularidade que o aguardava. Adormeceu. O chefe da alcateia belicosa não percebeu o ferimento na mão que ostentava o terço. Enquanto roncava, um rato visitou o arranhão.



Sobre uma grossa luva no antebraço esquerdo de Yara Luna, diante de uma plateia de curumins e erês no pátio da Escola Estadual Prof. Antônio Castro Monteiro, no Zerão, posava uma grande ave. Yara perguntava:

— Vocês conhecem a lenda da Rasga-Mortalha?

— Siiim, respondia em coro a molecada, olhos arregalados, queixos despencados, mirando o braço esquerdo de Yara Luna.

— Pois é criançada. Mas olha só, na verdade, ela é só uma coruja, e não tem nenhum poder sobrenatural não. O nome científico dela é *Tyto furcata*, mas ela é mais conhecida como Coruja Branca. Vocês sabiam que ela se alimenta principalmente de ratos? Que uma ninhada com cinco filhotes come mil ratos por mês? Pois é. Essa aqui que vocês tão vendo é uma sobrevivente...

E assim, Yara Luna contou a história de Kamali.





Um mês depois da matança, Cabral foi enterrado no Cemitério São José de Macapá. Compareceram ao enterro, o padre e o coveiro. A causa da morte: leptospirose. Na lápide, o epitáfio:

José Cabral da Silva e Silva

* 05.09.1977

+ 12.10.2013

d.C.



AUTOR



Gilvandro Mendes Monteiro é amapaense e bacharel em Letras português-espanhol pela Universidade de São Paulo. Descobriu-se escritor recentemente, e esta obra é sua primeira composição literária, feita do cruzamento das memórias de aventuras

vividas na infância, das histórias contadas pelos mais antigos ao pé da fogueira e à beira do rio e da encantada cosmovisão e mitologia da Amazônia.

Contato: gilvandro.monteiro@alumni.usp.br
@gilmendes

ILUSTRADOR



Joca Monteiro é amapaense, ilustrador, pesquisador, educador, ator, escritor, contador de histórias e brincante da cultura popular. É autor da obra *Histórias do Amapá*, que reúne uma história de cada município do Amapá, e de *O naufrágio do Novo Amapá*, livro

de poemas sobre o maior naufrágio marítimo do Brasil.

Contato: jocaamapa@gmail.com
@jocamonteiro @jocaboboca

Próximas publicações da coleção CONTOS AMAZÔNIDAS: Matinta-Perê, O Boto, Boitatá, Yara, Mapinguari, Curupira, Boiuna, Tarumã.